



Povo de Lisboa, ao comício!

E' hoje, pelas 17 horas, que o Comité de Defesa Proletária promove no Parque Eduardo VII o seu comício público
Todo o povo de Lisboa deve acorrer a este comício que tem por objectivo analisar a situação presente e acautelar aquelas liberdades populares que os reaccionários, com as suas manobras, pretendem estrangular

**Quem fôr pela Liberdade - vai ao comício!
Quem fôr pela Tirania - fica em casa!**

As deportações foram um crime da ditadura democrática. Quere o novo governo anulá-lo?

E' hábito dizer-se, sempre que um novo governo sobe ao poder ou que de uma revolução surge uma nova situação, que os factos não podem modificar instantaneamente e não é correcto exigir-se rápidamente actos que confirmem as promessas dos recem-governantes.

Nós somos dos que até certo ponto toleram que as circunstâncias nem sempre se moldam à vontade dos homens. Entretanto, há casos em que esta tolerância não se aplica. O das deportações para a Guiné e Cabo Verde é um deles.

Os homens da actual situação fizeram afirmações que não esquecem. Afirmaram que vinham anular as arbitrariedades cometidas pelo partido democrático. Querem pôr termo aos escândalos e às injustiças. Pois uma das mais escandalosas injustiças da ditadura democrática foi a das deportações sem julgamento. Toda a gente de bem se indignou contra a iniquidade. A organização operária ergueu bem alto o seu protesto. Grande número de intelectuais de renome assinaram manifestos condenando a infâmia. Foi uma justiça sumária feita à margem do código, do parlamento, da constituição. Os próprios deportados não se furtavam à responsabilidade dos seus actos. Queriam ser julgados, mas em Lisboa, com as garantias legais concedidas até aos parricidas.

O novo governo teve já algumas afirmações de simpatia pela classe operária. Firmes no nosso posto não nos deixámos convencer pela amabilidade nem pela violência. Só uma coisa nos convence: os factos. Sabemos que os deportados radicais vêm a caminho de Lisboa. E' justo. Eles foram vítimas da mesma iniquidade que atingiu os operários deportados na Guiné e em Cabo Verde.

Se é certo que o actual governo pretende, como muito bem fez notar o sr. Ferreira do Amaral, respeitar a constituição, o seu primeiro cuidado será decretar atender a reclamação que a C. G. T. lhe vai apresentar, mandando regressar imediatamente a Lisboa os operários deportados.

E' um acto de elementar justiça que, praticado neste momento pelos actuais governantes, serviria de melhor garantia às suas afirmações de ordem do que todas as promessas feitas nos discursos solenes.

A boa vontade dos homens da actual situação vai ser posta à prova. Qual será a decisão governamental? Sobre este assunto concentra neste momento o proletariado toda a sua atenção.

Resta-nos aguardar qual dos caminhos o governo quere escolher: o da iniquidade, mantendo um crime da ditadura democrática, ou o da justiça, cometendo um acto de rectidão.

OS QUE MORREM

António Pires de Matos

A redacção de *A Batalha* foi ontem desgostosamente surpreendida por uma triste noticia: o falecimento do nosso camarada António Pires de Matos. Foi uma má notícia que a todos contristou.

António Pires de Matos foi nosso camarada de redacção durante cerca de dois anos, já como revisor do jornal, já como redactor, trabalho para que mostrava invulgares qualidades a despeito da sua pouca idade. Faleceu com 23 anos apenas, na primavera da vida, a alma plena de sonhos de beleza.

Este de temperamento melancólico e romântico. Fantasiava, com a mesma exponência facilidade, sociedades livres e perfeitas ou amores ideais que não vivem senão nos corações bem formados, como o seu, e nos romances da velha escola sentimentalista.

Alto, seco, compleição débil, palidez constante; olhos profundos e olheiros; António Pires de Matos despertava simpatias ao primeiro contacto. Vivia muito de si mesmo, falava pouco, concentrava-se muito nas suas locubrações e quando falava, animando-se, por vezes, revelava um mistério ainda confuso servido já por uma inteligência clara que ele cultivava, entregando-se à paixão febril da leitura.

Foi aluno da Casa Pia de Lisboa, onde

Como uma das melhores peças do nosso arsenal anti-tuberculoso foi montada e as dificuldades que tem vencido para a sua manutenção

A assistência aos tuberculosos é uma coisa apagadissima em Portugal. O nosso arsenal anti-tuberculoso é deficitíssimo. As nossas instituições de profilaxia à tuberculose apontam-se a dedo. E todavia vivemos num país em que as estatísticas demográfico-sanitárias registam anualmente 20.000 mortos pela tuberculose.

O Estado, que devia ser o primeiro a

celos Pórtio é merecedora de algumas li-

ceas para tratamento das suas enfermidades, à qual deram o nome de Sanatório Carlos Vasconcelos Pórtio.

O sanatório estava instituído. Para ele o Estado não contribuiu com um céitil. Falta, porém, criar condições para a manutenção dessa casa. E essas condições, devido ainda aos esforços do patrono do sanatório, não aparecem.



Uma vista dos Almargens - A' esquerda o Sanatório Carlos Vasconcelos Pórtio

contribui para a extinção do terrível *morbis*, não liga a menor atenção para este problema. Aos poderes públicos é-lhes absolutamente indiferente a sorte dessa grande legião contagiada pelo bacilo de koch.

O Estado, não só não auxilia o combate à tuberculose, como até deixa perder alguma caixa boia que existe pela ação nociva da sua máquina burocrática.

Estivemos há dias no Sanatório Carlos Vasconcelos Pórtio. Fomos ali atraídos por um círculo de protestos contra o estado calamitoso em que se encontra aquela importante estabelecimento de cura. Esse círculo de protestos, embora exacerbado no seu colorido, é na verdade edificante.

A história do Sanatório Carlos Vascon-

Durante a sua permanência na redacção de *A Batalha* até que a doença o prostrou no leito, onde a tuberculose o vitimou ontem de manhã, foi sempre um profissional correcto e dedicado, um companheiro lealíssimo, um idealista convicto, deixando uma viva e profunda saudade no coração de todos nós.

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 15,30

horas, de sua casa, rua das Amoreiras, 167, 3º, para o Alto de São João.

A Caixa de Previdência e o Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa convidam os seus associados a encorpar-se no funeral do seu desdito consócio, que se realiza amanhã, da residência acima indicada

com algumas dívidas o sanatório principia a funcionar, recebendo dez doentes pertencentes ao Minho e Douro e outros pertencentes ao Sul e Sueste.

A direcção clínica deste estabelecimento foi confiada ao distinto tisiologista dr. Alberto de Sousa, que, com agrado geral, se tem desempenhado da sua função.

Mais tarde reconheceu-se que o sanatório não poderia viver do auxílio particular.

E endosa-se aos passageiros uma sobretaxa nos bilhetes, cujo produto reverteu em favor da manutenção daquele estabelecimento dos ferroviários.

Actualmente o sanatório é mantido pela Comissão de Assistência aos Ferroviários. O fundo dessa comissão é composto pela percentagem de 1% sobre a receita geral dos caminhos de ferro. O pessoal contribui também com uma cota voluntária que perfaz mensalmente uma verba de cerca de cinco centos.

O Sanatório Carlos Vasconcelos Pórtio, que com a lotação completa tem uma despesa de 20 contos mensais, tem hoje uma receita própria e suficiente que lhe permite uma situação desafogada.

O reconhecimento da capacidade jurídica da Igreja

Anunciou-se aos quatro ventos que o actual governo está na disposição de tratar de todas as questões de interesse colectivo - e essa disposição constitui a parte fundamental do seu programa.

Anunciou-se retumbantemente que este governo não tinha o menor carácter político e que não tinha sido constituído para agradar a qualquer seita ou satisfazer os caprichos de qualquer facção. Esta afirmação constitui a pedra de toque das intenções governativas, tem todo o valor dum princípio, tem toda a importância moral dum promessa livremente feita.

Por isso o Comité de Defesa Proletária convida o povo de Lisboa a comparecer ao comício público que se realiza hoje, pelas 17 horas, no Parque Eduardo VII.

Povo trabalhador! Ao comício! Pela Liberdade!

O Comité de Defesa Proletária.

E' de esperar que nenhum trabalhador fale a este comício onde o povo saberá portar-se com altivez e correção.

O lugar de todas as pessoas conscientes da sua missão social hoje é no Parque Eduardo VII, no comício promovido pelo Comité de Defesa Proletária.

Ao comício, povo de Lisboa!

O Sindicato Metalúrgico convida todos os seus componentes a comparecerem no comício promovido pelo Comité de Defesa Proletária, que se realiza hoje pelas 17 horas no Parque Eduardo VII.

O Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa convida todos os seus associados a comparecerem no comício que se realiza no Parque Eduardo VII.

Ouma atitude do Brasil

RIO DE JANEIRO, 8. - Nos meios bem informados considera-se o Brasil completamente desligado da Sociedade das Nações. Supõe-se igualmente que esta decisão é irrevogável. - (H.).

da capacidade jurídica da Igreja constitui, não uma medida de justiça, mas uma satisfação dada à maioria do país que é católica e é contrariada nas suas crenças por uma minoria anti-religiosa e anti-clerical. Nada menos verdadeiro.

Há, de facto, em Portugal um grande número de pessoas que professam a fé católica. Mas, essas criaturas, não passam a vida nas sacristias e desconhecem inteiramente as combinações políticas da Igreja. A religião para elas é um culto - e nada mais. Acreditam num Deus, atribuem-lhe a criação do mundo e contentam-se em ouvir missa algumas vezes por ano. Nunca reclamam a capacidade jurídica da igreja, nem tanto pouco sabem no que isso consiste.

Os que pretendem a capacidade jurídica da igreja são a minoria reduzidíssima de carolas filiados no Centro Católico do sr. Lino Neto e a legião dos *talassas* que, sem fervor, frouxamente, por desfausto, a reclama, nos intervalos dos escândalos políticos e financeiros do actual regime. São essas duas facções quem reclama essa medida que até hoje não conseguiu nem agitar, nem mover a opinião pública.

Quem pede essa medida além do sr. Lino Neto e dos seus partidários, do sr. Aires de Ornelas e dos infantes de D. Manuel?

* * *

Vai-se ceder a uma especulação, traindo-se deploravelmente a promessa de não fazer política para afinal servir os interesses eleitorais e partidários dum a seita, felizmente pouco numerosa.

A política, por ser católica, não deixa de ser política. E um decreto reconhecendo a capacidade jurídica da Igreja só é lógico quando o poder seja ocupado pela Companhia de Jesus ou por cúmplices seus, directos ou indirectos.

A CRISE NO ALGARVE

A "pobreza envergonhada" e a prostituição são dois poderosos exemplos da grande miséria que avassala Olhão

(Do nosso enviado especial ao Algarve)

OLHÃO. - Uma noite vivida em Olhão vale por uma página de dor traçada por mão de mestre. As escenas de miséria sucedem-se numa violência que nos escala a sensibilidade. O trágico quadro que a crise de trabalho construiu passa ante nossos olhos numa cavagada que conturba o nosso sér.

Olhão, de noite, apresenta toda a nudez da sua tragédia. Olhão, depois do crepúsculo, traz a supuração a purulência das suas chagas!

Na última crónica falámos dum aspecto da miséria de Olhão patenteada à luz do sol. Vimos, nessa breve descrição, a quanto foi obrigada a população para não sucumbar aos efeitos catastróficos da miséria. Verificamos que uma multidão de miseráveis aceitou como um grande lenitivo a "Sopa dos Pobres". Hoje vamos ver outro aspecto da miséria de Olhão observada de noite quando a vila estava mergulhada num gelado silêncio.

Referimo-nos à "pobreza envergonhada" que erra pelas artérias da vila quando a população sossega.

A "pobreza envergonhada" é, na verdade, um dos significativos aspectos da grande fome que atravessa Olhão.

A "pobreza envergonhada", que se nos depara em várias ruas, é uma das causas da falta de peixe e da concomitante crise de trabalho. Só se exterioriza de uma maneira velada e digna de grande comiseração.

Em que consiste a "pobreza envergonhada"? Foi-nos explicada do seguinte modo:

— Nos períodos de grande abundância de

peixe, em Olhão não havia miséria. Famílias havia que levavam uma vida perdida, por não pensando no dia de amanhã. Veio, porém, a falta de peixe e com ela a miséria e uma grande parte dessas famílias vive



Um novo aspecto da indigência de Olhão

de repente a braços com a miséria. Ao ver quase faustoso que sempre tiveram sucedeu-se uma era de fome e de miséria.

— E o nosso informador acrescenta:

— Batidas violentas e bruscas pela fome e vencidos todos os recursos essas famílias valeram-se da indigência. Não esmorecem de dia porque isso belisca um resqu

co de orgulho que ainda possuem. Mas impõem a caridade de noite, fóra da bisbilhota da população.

Efectivamente foi de noite que nós vimos umas criaturas envergando hábitos árabes, turbante cobrindo a cabeça, mergulharem-se na penumbra que envolvia algumas arterias.

Perseguiu-nos essas esquisitas personagens até a um esguio predio de uma das ruas mais mal iluminadas. E uma frase águia cortou todo aquele silêncio:

—Dê-me uma esmola para comprar um pão para os meus filhos que não comem há dois dias!

E, entregue o obulio, a desgraçada avançou para outro predio e repetiu o mesmo pedido.

O numero de "pobres envergondados" é grande. Metade da população forma nessa formidável legião. Esmola de noite, ocultando a sua tragédia dos olhos da população.

* * *

Olhão de noite oferece ainda ao *reporter* um outro motivo mais vivo de miséria e dor. E' o quadro da prostituição que por todas as ruas, das mais recônditas as mais movimentadas, se exibe com um impudor que causa fortes perturbações.

No número dessas desgraçadas encontrámos crianças com pouco mais de doze anos oferecendo seus franzinos corpos ao trânsito que as olhava num misto de dó e de lástima.

Não se faz questão de preço. Rogase apenas que lhe dêem qualquer quantia com que possam mitigar a fome. Solicitam apenas que lhe entreguem uns miseráveis para os seus.

A uma garota que se separou ao *reporter* ouviu-se a seguinte narração, feita entre soluços e lágrimas:

—Tenho quinze anos apenas. Em minha casa, eu e minha irmã fomos lançadas para esta vida há cerca de seis meses, quando não tínhamos já um farrapo para empinar.

A odisséia desta desgraçada é a odisséia de todas as desgraçadas que vaguem de noite por Olhão.

A miséria é de tal forma que há mães, segundo nos asseveraram os nossos cicerões, que vão oferecer suas filhas aos homens do dinheiro para destruir a negra miséria que há muito tempo invade os seus miseráveis tugúrios!

Todavia os poderes públicos ainda não pensaram a serio na situação do povo algarvio a despeito das classes trabalhadoras da vasta província já terem manifestado em representação tóida a miséria que as assola.

UMA ESCOLA DE GUERRA DOS COMUNISTAS

ESTOCOLMO, 8.—A polícia descobriu no arquipélago de Estocolmo uma escola comunista, onde se ensinava o manejo das armas. Numerosos bolcheviques alemães, suíços e austriacos, possuindo falsos passaportes, e também comunistas suecos, estavam implicados neste caso, figurando entre eles o deputado comunista Herren. A polícia prendeu uns dos principais professores desta escola. E' um austriaco chamado Hans Glabeuf, que entrou na Suécia com um passaporte falso, atribuído ao cidadão suíço Friedrich Grunwald. Entre os professores figura a maioria dos chefes do Partido Comunista Sueco. Glabeuf veio à Suécia por ordem do Comitê Executivo da Internacional das Juventudes Comunistas, que tem sede em Moscou. Os jornais afirmam que trouxe a missão de fiscalizar a instrução revolucionária e o armamento do operariado. O jornal comunista *Folheto das Fábricas* publicou, efectivamente, informações que permitem saber que um representante do referido comitê executivo viajou em inspeção dos depósitos de armas de batalhões comunistas. —(H.)

(Continua)

Memórias dum cabo de polícia

(Continuação)

A esquadra 17.º e o posto 23.º são sustentados pelo comércio local que lhes paga a renda, a água e a luz. Quando chega ao fim mês distribuem-se uns verbetes aos guardas, que vão de porta em porta cobrar as importâncias para a renda.

Vejam, pois, os leitores que autoridade moral têm os guardas para agir, sendo preciso, contra aqueles comerciantes. E o círculo!

Os cheires de esquadra só podem dispor de uma determinada verba para serviços de saúde. Quando a maca conduz um doente com atestado de pobreza ao hospital, fica a esquadra impossibilitada, por falta de verba, de conduzir outro se houver no mesmo dia. Oni espera para o dia seguinte ou paga a sua condução. Outras vezes a custo se consegue a condução para um doente, visto que os moços de frete e cocheiros fogem de prestar serviços à polícia porque esta não paga as suas dividas senão três meses depois.

E' deficiente o material de aquarelamento nas esquadras e quando há prevenções rigorosas é um pavor. As mantas não chegam para todos, visto que é rara a esquadra que possui mais de seis para 40 homens.

As enxergas são poucas e de palha moída de anos; sobre elas se deitam os guardas numa promiscuidade que enoja, descansando a cabeça em sujos rolos de linhagem. Há guardas que jogam e toman aperitivos para afastar o sono, enquanto outros preparam as tamboas dos calabouços para descanse um pouco.

Não possuem certos cães tal alojamento, mas têm-no os agentes da autoridade, por vezes durante semanas consecutivas, em regra de prevenção.

Fiz até aqui a apresentação da polícia na sua vida íntima e corriqueira. E antes de fechar este capítulo, quero fazer justiça à inteligência e tenacidade dos tenentes srs. Lopes Soares e Graça, e dos chefes Sintra, Lino, Nazaré e Silva, que bastante têm contribuído para levantar o moral da corporação a que pertencem. Tampouco olvidarei os bons esforços do chefe sr. Abanque, reputado sincero, a quem presto homenagem.

Capítulo II—Quando entrei para a polícia respirava-se naquele mês de fevereiro frio e tempestuoso, uma atmosfera de terror. As prisões encontravam-se cheias de políticos adversários à situação dezembrista.

As prevenções da polícia eram rigorosas e constantes. Nomeava-se cotidianamente um piquete de 100 homens para reforço no Governo Civil. O Pórtio estava ainda em poder dos realistas, havendo dois governos em Portugal—o do Norte e o do Sul. A frente do ministério, em Lisboa, encontrava-se o lavrador José Relvas que ainda não era o homem desejado para enfrentar a situação. Os democráticos, pela sua imprensa, reclamavam o desarmamento da polícia. Lobo Pimentel, antigo sargento revolucionário do 5.º de Outubro, e comandante da polícia ao tempo, negava-se a satisfazer a aspiração dos republicanos, até que no dia 27 de fevereiro foi convocado o célebre comício público no Coliseu que se encheu de elementos avançados. Falou o capitão Cunha Leal, o deputado Júlio César, que até ali havia acompanhado a política de Sidónio Pais e que neste comício atacou violentamente a polícia, apresentando uma moção para que no prazo de duas horas ela fosse desarmada.

Assim, temos que constatar com imensa mágoa que, em pleno século XX, ainda há uma grande parte do povo que enche por completo todos os recintos onde se representam cenas de selvajaria, aplaudindo e enriquecendo tiranos, deixando morrer na miséria verdadeiros beneméritos da sociedade.

Se confrontarmos o toureiro com o bicho, o contraste é assombroso.

O toureiro é um ser que nada de útil produz, ao passo que o bicho é um trabalhador predestinado que contribui com a sua actividade e inteligência para o bem da comunidade. O toureiro exerce o seu repugnante mister 2 ou 3 meses no verão, auferindo somas fabulosas, enquanto que o bicho, trabalhando todo o ano no exercício dum função útil e proveitosa, morre na miséria. O toureiro passa a maior parte do tempo nos grandes clubes e restaurantes, com amantes, em alegres libações, o que se não dá com o bicho que passa os dias na oficina, e muitas noites, quando recolhe a casa para descansar as fatigas dum dia de insano labor, é muitas vezes deserto do seu sono reparador pelo timbre do telefone que reclama a sua presença, pois que em um ponto da cidade se manifestou incêndio num edifício, cujas chamas prometem destruir-lo, pondo em risco os seus habitantes. E é, sem curar saber se os moradores do prédio são ricos ou pobres, nacionais ou estrangeiros, ergue-se apressadamente da cama, e sem se importar com a chuva que muitas vezes cai torrencialmente, corre ao cumprimento da humana missão a que voluntariamente se dedicou.

O toureiro vai a uma praça para espicar e matar animais para dar gôsos aos que amam a crueldade, enquanto que o bicho, por entre as chamas do fogo elemento, vai salvando vidas e bocas, só pelo prazer de praticar uma ação nobre e humana.

Querámos, pois, mais prestimoso, mais

que mais de uma vez temos feito referência, voltou há dias, completamente embriagado, a fazer das suas. Narremos o caso:

Como de costume, na praça dos Restaurantes, junto ao quiosque Major, um grupo de "chaufeurs" dos que fazem ali praça conversavam sobre assuntos vários. A certa altura, mestre Viegas, cambeia, aproximou-se do grupo e dirigiu-lhe frases provocadoras. Os circunstantes não gostaram da provocação e responderam em termos convenientes, mas correctos. Isso irritou o agente Viegas, que imediatamente sacou da pistola e dispôs-a a disparar se uma maioria provisória não fizesse desvir o perigo...

Completamente atordoado o Viegas riu, algumas ameaças e desapareceu, naturalmente para em breve repetir a cena.

Um ébrio reincidente

O agente Viegas, aquele ébrio agente a que mais de uma vez temos feito referência, voltou há dias, completamente embriagado, a fazer das suas. Narremos o caso:

Como de costume, na praça dos Restaurantes, junto ao quiosque Major, um grupo de "chaufeurs" dos que fazem ali praça conversavam sobre assuntos vários. A certa altura, mestre Viegas, cambeia, aproximou-se do grupo e dirigiu-lhe frases provocadoras. Os circunstantes não gostaram da provocação e responderam em termos convenientes, mas correctos. Isso irritou o agente Viegas, que imediatamente sacou da pistola e dispôs-a a disparar se uma maioria provisória não fizesse desvir o perigo...

Completamente atordoado o Viegas riu, algumas ameaças e desapareceu, naturalmente para em breve repetir a cena.

Um homem

AUXERRE, 8.—O cura Taubigny morreu na idade de 56 anos, vítima dos raios X.

Havia seis meses que estava preso ao leito.

Natural de Ardèche, foi professor em diversos institutos livres, tendo iniciado a carreira aos 28 anos, sem abandonar os trabalhos científicos, notavelmente, os de radiologia. —H.

Um sócio a menos

RIO DE JANEIRO, 8.—O jornal *O Globo* afirma que o Brasil não tomará parte na Assembleia da Sociedade das Nações que se realizará em Setembro, enviando a Geleira, dentro de algumas semanas, uma notificação oficial da sua saída da Sociedade. —H.

AGREMIACOES VARIAS

Trajo Regional.—Sob a presidência do sr. dr. Virgílio Correia, reúne hoje, na Repartição de Turismo, pelas 16 horas, a

Comissão Trajo Regional.

Falecimento de um preso

Na enfermaria do Forte do Monsanto, faleceu ontem o preso Henrique José Monteiro, de Lisboa, filho de José Maria Monteiro e de Delfina Lourenço Martins, solteiro, pintor, de 21 anos, que ali recolheu,

em 5 de Agosto de 1925, por delito comum.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete "Giuseppe Verdi" são hoje expedidas malas postais para New-York

por via Marxes para a Índia portuguesa e Macau, efectuando-se da Caixa Geral as filmas tiragens da correspondência, respetivamente, às 9 e 11,30 horas.

A BATALHA

As touradas são espectáculos degradantes vergonha da espécie humana

A Primavera é a estação do ano em que o arvoredo se cobre da sua fresca e vigorosa folhagem, em que as flores desabrocham espalhando na atmosfera aromas inebriantes e que as avenidas campesinas, melodiantes hinos suaves e encantadores, trabalham activamente na construção dos seus mimosos ninhos, que vão servir de abrigo ao fruto dos seus inocentes amores.

São para estes e para tantos outros benefícios da humanidade que se não olha com a devida atenção, pois como prova do que afirmamos está o proceder de muitos indivíduos ricos dispendendo grandes fortunas na edificação de sumptuosas praças de touros e depois na compra de riquíssimos objectos que oferecem aos toureiros nas suas festas artísticas, deixando morrer à mingoa a instrução e a Assistência Pública.

Oras não seria mais nobre e altruista que as verbas dispensadas à tirania fossem aplicadas com os enfermos pobres e analíticos? Não seria mais justo e humana socorrer os hospitais e sanatórios, protegendo os doentes, e construir-se escolas e cantinas com todos os seus necessários, dando à infância pobre alimento e vestuário, bem como a linha geral da ilustração a que ela tem jus? Cremos que sim.

As touradas, também sequiosas de dinheiro e de se exibirem perante os olhares esganiçados da massa brutal dos seus admiradores, vão pondo em ordem as suas gueridas vestes guarnecidas de ouro e prata, fazendo as suas contratas e amontando fortunas fabulosas adquiridas no sangue goso dos pobres animais, em holocausto à bestialidade dos aficionados.

E, enquanto no interior dum praça, aos sons suaves da música, se martiriza cruelmente esses seres inferiores que mais servem, vestidos e cantinas com todos os seus necessários, dando à infância pobre alimento e vestuário, bem como a linha geral da ilustração a que ela tem jus? Cremos que sim.

As touradas, também sequiosas de

dinheiro e de se exibirem perante os olhares

esganiçados da massa brutal dos seus admiradores, vão pondo em ordem as suas gueridas vestes guarnecidas de ouro e prata, fazendo as suas contratas e amontando fortunas fabulosas adquiridas no sangue goso dos pobres animais, em holocausto à bestialidade dos aficionados.

E, enquanto no interior dum praça, aos sons suaves da música, se martiriza cruelmente esses seres inferiores que mais servem, vestidos e cantinas com todos os seus necessários, dando à infância pobre alimento e vestuário, bem como a linha geral da ilustração a que ela tem jus? Cremos que sim.

As touradas, também sequiosas de

dinheiro e de se exibirem perante os olhares

esganiçados da massa brutal dos seus admiradores, vão pondo em ordem as suas gueridas vestes guarnecidas de ouro e prata, fazendo as suas contratas e amontando fortunas fabulosas adquiridas no sangue goso dos pobres animais, em holocausto à bestialidade dos aficionados.

E, enquanto no interior dum praça, aos sons suaves da música, se martiriza cruelmente esses seres inferiores que mais servem, vestidos e cantinas com todos os seus necessários, dando à infância pobre alimento e vestuário, bem como a linha geral da ilustração a que ela tem jus? Cremos que sim.

As touradas, também sequiosas de

dinheiro e de se exibirem perante os olhares

esganiçados da massa brutal dos seus admiradores, vão pondo em ordem as suas gueridas vestes guarnecidas de ouro e prata, fazendo as suas contratas e amontando fortunas fabulosas adquiridas no sangue goso dos pobres animais, em holocausto à bestialidade dos aficionados.

E, enquanto no interior dum praça, aos sons suaves da música, se martiriza cruelmente esses seres inferiores que mais servem, vestidos e cantinas com todos os seus necessários, dando à infância pobre alimento e vestuário, bem como a linha geral da ilustração a que ela tem jus? Cremos que sim.

As touradas, também sequiosas de

dinheiro e de se exibirem perante os olhares

esganiçados da massa brutal dos seus admiradores, vão pondo em ordem as suas gueridas vestes guarnecidas de ouro e prata, fazendo as suas contratas e amontando fortunas fabulosas adquiridas no sangue goso dos pobres animais, em holocausto à bestialidade dos aficionados.

E, enquanto no interior dum praça, aos sons suaves da música, se martiriza cruelmente esses seres inferiores que mais servem, vestidos e cantinas com todos os seus necessários, dando à infância pobre alimento e vestuário, bem como a linha geral da ilustração a que ela tem jus? Cremos que sim.

As touradas, também sequiosas de

dinheiro e de se exibirem perante os olhares

esganiçados da massa brutal dos seus admiradores, vão pondo em ordem as suas gueridas vestes guarnecidas de ouro e prata, fazendo as suas contratas e amontando fortunas fabulosas adquiridas no sangue goso dos pobres animais, em holocausto à bestialidade dos aficionados.

E, enquanto no interior dum praça, aos sons suaves da música, se martiriza cruelmente esses seres inferiores que mais servem, vestidos e cantinas com todos os seus necessários, dando à infância pobre alimento e vestuário, bem como a linha geral da ilustração a que ela tem jus? Cremos que sim.

As touradas, também sequiosas de

dinheiro e de se exibirem perante os olhares

esganiçados da massa brutal dos seus admiradores, vão pondo em ordem as suas gueridas vestes guarnecidas de ouro e prata, fazendo as suas contratas e amontando fortunas fabulosas adquiridas no sangue goso dos pobres animais, em holocausto à bestialidade dos aficionados.

E, enquanto no interior dum praça, aos sons suaves da música, se martiriza cruelmente esses seres inferiores que mais servem, vestidos e

MARCO POSTAL

Amoreiras.—António Portela.—Recebemos 35\$00. Pagou as assinaturas de Alvaro Costa, António Portela, Manuel Marques e António dos Santos Júnior até ao fim do corrente mês. Recebemos também 6\$00 para a 1.ª série dos "Mistérios do Povo".

Fronteira.—Associação dos Rurais.—Recebemos 9\$50. Pagou a assinatura até 30 do corrente mês.

Pórtio.—J. G. Pereira.—Vai seguir pelo correio um pacote com os livros pedidos; faltam os n.ºs 1 e 5 que mandámos pedir; depois irá.

AGENDA

CALENDARIO DE JUNHO

D.	6	3	20	27	HOJE O SOL
S.	7	14	21	28	Aparece às 5,12
T.	8	15	22	29	Desaparece às 20,00
Q.	9	16	23	30	FASE SALVADORA
Q.	10	17	24	1.º C. dia 7 às 11,45	
S.	11	18	25	2.º C. dia 5 às 3,15	
S.	12	19	26	3.º C. dia 22,55	
				4.º C. dia 17,45	

MARES DE HOJE

Fraiamar às 2,00 e às 2,22

Eaixamar às 7,30 e às 7,52

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid, cheque	259,5	
Paris, cheque...	59,5	
Suica...	378	
Bruxelas, cheque	60	
New-York...	1955	
Amsterdão...	7586	
Itália, cheque...	7,35	
Brasil, ...	3005	
Praga...	558	
Suécia, cheque...	524	
Austria, cheque...	277	
Berlim...	4867	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Festivals.—As 21,00—Antepassados. Glória...—As 21,45—O célebre Pina. Teatro...—As 21,45—O Santo António. Trindade...—As 21,30—O homem das 5 horas. CCP...—As 20,45 e 22,45—Fox-Trot. Coliseu dos Recreios...—As 21.—Iata. Erenón...—As 21,15—O Fado de Lisboa. Maria Vitoria...—As 20,30 e 22,30 —Foot-Ball. 1.º set. 105.—As 21.—Variedades. Cinema (à Vila...—Espectáculos às 3,45. Sábados e domingos com ensaio. Igreja Paróquia—Todas as noites. Concertos: di- versos. CINEMAS Tivoli—Olympia—Central—Condes—Chiado Terceiro—Ideal—Arco da Bandeira—Promotora—Esperança—Torreiro—Cine Paris.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO SÓ COM O LUCRO DE 10%.

NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora... 500,00
Sapatos em verniz... 488,00
Sapatos em couro (grande salto)... 488,00
Bota branca (couro)... 286,00
Grande salto de botas pretas... 488,00
Fitas de cor para homens... 488,00

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a C. S. C. Ver bem, pois só lá encontrarás bota, sapato, Social Operaria e marcas dos Cavaleiros, 18-20, com Fidal na mesma marcas.

"A BATALHA" no Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO

Fica sem efeito o serviço especial para Lisboa, anunciado no cartaz E. 1.263, de 27 de Maio próximo passado, por terem sido adiadas as Festas da Cidade em Lisboa.

Lisboa, 3 de Junho de 1926.

O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-maltusianas... \$50
O sentido em que somos anarquistas... \$30
A peste religiosa... \$40
A Liberdade... \$50
A Internacional (música e letra)... \$30
Pedidos à BATALHA ou no Cais do Sodré, 82.

—Ai de mim! murmurou ela, vendo fugir-lhe o último raio de esperança. Estou perdida!...

—Estás salva... se quizeres!...

—Que dizes?... Que é preciso fazer? Falai...—

—Abjurá publicamente a tua heresia! renegar Sá-ianaz, meu pai; suplicar humildemente à nossa santa Madre Igreja Católica Apostólica e Romana que te receba no seu seio. Lavada da heresia que te enodoa, pronunciarás votos eternos, e irás encerrá-la na sombra dum claustro a memória do teu passado abominável...

Escolhe poiso... e abjura já... senão, serás entregue aos soldados!... Eses piedos católicos satisfarão contigo todos os seus desejos sensuais!...

— Santo Deus! exclamou Cornélia cheia de terror e sentindo-se como louca. Estarei sonhando?... Estarei acordada?... um padre... um homem... ultrajar a tal ponto o pudor dum a mulher!... Amaldiçoado sejas, miserável!

Frei Hervé soltou uma infernal gargalhada e replicou:

— Que audácia!... o pudor!... uma mulher!...

Então uma herética é uma mulher?... Não!... Uma herética é uma fêmea... como a loba dos bosques... e as lobas não têm pudor!...

— Piedade! balbuciou Cornélia. Tende compaixão de mim!...

— Não há piedade para herezes!... Ou tu entras num convento... ou serás entregue aos soldados!...

Uma das duas há de suceder... E agora olha para esta ampulheta... Quando desaparecer a areia de cima, se não tiveres resolvido abjurá imediatamente e partir, ainda esta noite, para um convento, serás entregue aos soldados!... aos bons soldados católicos!...

— E o frade, apoiando os cotovelos na mesa, e

rosto nas mãos, começou a resar um rosário, enquanto

a areia ia marcando na ampulheta o tempo decorrido.

— Que hei de fazer? perguntava a si mesmo a jó-ven protestante. Senhor Deus todo poderoso, tende compaixão de mim!

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Neri- ciso. Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas. Oftalmos, via urinária—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.

Pele e sifilis—Dr. Correia Piqueiro—11 e 12 horas.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Doença da nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.

Estômagos e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas.

Doenças das senhoras—Dr. Emílio Paiva—2 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.

Testamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—3 horas.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Câncer e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Ráio X—Dr. Aleu Saldanha—4 horas.

Analises—Dr. Gabriela Beato—4 horas.

1.º C. dia 7 às 11,45

Q.M. dia 5 às 3,15

2.º C. dia 22,55

Q.C. dia 17,45

3.º C. dia 17,45

4.º C. dia 17,45

5.º C. dia 17,45

6.º C. dia 17,45

7.º C. dia 17,45

8.º C. dia 17,45

9.º C. dia 17,45

10.º C. dia 17,45

11.º C. dia 17,45

12.º C. dia 17,45

13.º C. dia 17,45

14.º C. dia 17,45

15.º C. dia 17,45

16.º C. dia 17,45

17.º C. dia 17,45

18.º C. dia 17,45

19.º C. dia 17,45

20.º C. dia 17,45

21.º C. dia 17,45

22.º C. dia 17,45

23.º C. dia 17,45

24.º C. dia 17,45

25.º C. dia 17,45

26.º C. dia 17,45

27.º C. dia 17,45

28.º C. dia 17,45

29.º C. dia 17,45

30.º C. dia 17,45

31.º C. dia 17,45

32.º C. dia 17,45

33.º C. dia 17,45

34.º C. dia 17,45

35.º C. dia 17,45

36.º C. dia 17,45

37.º C. dia 17,45

38.º C. dia 17,45

39.º C. dia 17,45

40.º C. dia 17,45

41.º C. dia 17,45

42.º C. dia 17,45

43.º C. dia 17,45

44.º C. dia 17,45

45.º C. dia 17,45

46.º C. dia 17,45

47.º C. dia 17,45

48.º C. dia 17,45

49.º C. dia 17,45

50.º C. dia 17,45

51.º C. dia 17,45

52.º C. dia 17,45

53.º C. dia 17,45

54.º C. dia 17,45

55.º C. dia 17,45

56.º C. dia 17,45

57.º C. dia 17,45

A BATALHA

PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE

Não cessaram ainda os atentados aos direitos individuais

LOURENÇO MARQUES, 16 de Maio — Há dias um jornal insuspeito que se publica nesta cidade pronunciava-se assim: «Já falámos da formidável seleção feita no pessoal operário dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques.

Foi uma perfeita razão. Centenas de operários ficaram sem trabalho e as suas famílias, por tal motivo, na miséria.

Sabemos que alguns encarregados das várias secções do C. F. L. M. se têm queixado do minguado número de operários que, depois da greve, ali ficaram fazendo serviço.

Sendo assim e sabendo-se que o governo está arcado com os subsídios aos operários e famílias destes que não foram aceites naqueles Caminhos de Ferro, parecemos que uma cuidada revisão deveria fazer-se entre o número dos dispensados, decidindo-se a Direcção a reformar mais alguma pessoal.

Os operários sentem-se humilhados em receber os subsídios do Estado e antes desejariam que lhes fosse dado trabalho que qualquer auxílio a título quaisquer de esmola.

Anos seguidos levaram as direcções transactas do C. F. L. M. a tomar ao seu serviço o formidável número de pessoal que ali existia antes da greve. A importância dispensada com os seus salários, sendo brutal, estava consumindo uma grande parte da receita dos mesmos Caminhos de Ferro. Urgia, pois, que parte desse pessoal fosse dispensado.

Mas a maneira como o fez a actual Direcção é que não merece, de forma alguma, os nossos aplausos.

Louvamos todas as medidas que sejam postas em prática no sentido de se cercear despesas e de se fazerem economias.

Mas não há o direito de tal se fazer com a miséria e a fome de tantos infelizes.

O pessoal que durante a greve se manteve ao serviço foi gratificado.

Muito bem. Mas é que houve grande injustiça na forma como essas gratificações foram distribuídas.

Durante os quatro meses da greve houve quem recebesse 50, 100, 200 e 300 libras de gratificação, o que achamos demasiado e tal forma de recompensar serviços até a tomamos como um incentivo à greve.

No entanto alguns capatazes de via faram gratificados com a miséria de libras. 5.

A todo o pessoal dispensado ou readmitido, foi recusado o pagamento dos dias que tinha de trabalho, prestado no mês em que se pôz em greve.

Porquê? Não tem esse pessoal direito a receber o produto do seu trabalho?

Esta medida merece a nossa reprovação. Isto não é justo, ainda mesmo que, para tal, uma imperiosa necessidade de economias se alegue.

Em Lourenço Marques, Colónia que outros se esforçaram por civilizar atraindo o trabalhador ao seu seio, foi posto agora de parte o grande direito da dignidade, levando a política a deportar cidadãos sem culpa formada e a aguçar o dente para novas deportações ao abrigo de uma lei fabricada à pressa no Conselho Legislativo e que pelos vistos é bastante ilegal.

O cidadão que se destine a Lourenço Marques, tem que declarar o seu credo político e se reconhece ou não o direito fascista acima do direito do povo. São estas as liberdades que presentemente são concedidas aos que pizam Moçambique, há trinta e mais anos, e ainda aos que venham e se não anoitem à vontade de um tal Bartolomeu Severino que, valendo-se da distância que o separa do Portugal, aqui tem trapaceado com este pobre povo.

Se estes são os direitos que a República portuguesa concede aos antigos colonos que pizam estas inhospitas paragens há longos anos, podé-lo-his ter dito antes de enviar Azevedo Coutinho e os seus sequelas conselheiros, pois todos tratariam de liquidar os seus haveres para recolherem a Portugal, ou a outro qualquer país onde os seus direitos podessem ser respeitados.

Está-se nessa grande dúvida de se poder ou não continuar a trabalhar, pois que, ou desconfiamos que tais abusos semelhantes na Província, todos se arrearam de continuar com iniciativas e empatar os seus capitais.

O que de facto tem dinheiro para dar incremento à indústria, paralisaram devido a não lhes ser possível descortinar a atitude da Metrópole perante um conflito como este.

Azevedo Coutinho, depois de ter semead o dôr e o luto, colocou a Província à porta de um abismo.

Para se restabelecer a confiança entre os habitantes de Moçambique, urge que as autoridades que auxiliaram Azevedo Coutinho na obra de destruição sejam, como é, chamadas a Portugal e a amarradas ao Pelourinho da desonra, salientando a vergonhosa obra de terem, para efeitos de vencer uma greve, causado a ruína de uma província.

Estamos fartos de dizer que a imprensa do povo está proibida de circular e que as reuniões estão proibidas, mantendo-se este estado de ditadura há cerca de seis longos meses. Estamos fartos de reclamar dos poderes da Metrópole.

Queremos ter a certeza de que nenhum Pigméu armado em governante possa dispor da nossa liberdade como quem dispõe de um par de botas velhas e para isso só a revogação imediata da lei de exceção e o restabelecimento dos nossos direitos dão margem a descansar um pouco. —

E' esperado hoje no Tejo, a bordo do vapor «S. Miguel», Azevedo Coutinho, alto comissário em Moçambique, que não volta a governar aquela província, visto ter sido convidado para esse cargo o antigo governador da referida colónia general Massano d'Amorim, actual secretário geral do Ministério das Colónias, que aceitou.

A greve académica

A comissão de pais de alunos das escolas superiores foi ontem recebida pelo ministro da instrução, cuja intervenção solicita para a rápida solução da greve académica. O sr. dr. Mendes dos Remédios declarou que ia tratar do assunto, e forma a satisfazer a maioria dos interessados.

O pessoal ferroviário do Minho e Douro reclama a demissão de dois engenheiros

COIMBRA, 7. — Tem a Batalha, nestes últimos tempos, sustentado uma energética campanha contra as immoralidades praticadas à sombra das congregações religiosas, cuja nefasta ação vai produzindo os seus efeitos na mentalidade dum grande parte da infância portuguesa.

Não é só, porém, na fértil região da Extremadura que as congregações proliferam. Aqui também há dignas émulas dessa sinistra beata que é conhecida por visconde de Andaluz.

Vamos relatar aos leitores um facto que já se é bastante demonstrativo da lura dos processos usados pelos sotainas para conseguirem sens tenebrosos intentos.

Relatemos: Fomos procurados por Joaquim José de Oliveira Matos, engraxador, que, com frases de repassada amargura, nos relatou uma patifaria repugnante de que foi vítima por parte dos seráficos discípulos de Loiola.

Entregou-nos uma carta com o pedido de publicação, onde descreve circunstancialmente o empregado sendo, geralmente, a pena de demissão o que aplicam por insinuantes «coisas que muitas vezes nem sequer constituem motivo para sanções disciplinares.

E, desse modo, não se trabalha de vontade, sendo a produção das Oficinas Gerais inferior à que devia ser à frente daqueles serviços se encontrasse em engavetadura moral e de competência indiscutível. Chega a tocar as raízes da incompetência a ação dos dois engenheiros. Ainda não há muito tempo compraram maquinismos que só depois de montados souberam que eram inadaptações aos serviços das Oficinas porque a energia eléctrica ali existente não lhes podia ser aplicada!

Para qualquer ligeira modificação no material, vão ver como se encontra feito na C. P., porque a sua engenharia não engendra coisa nenhuma.

No que respeita a compras de material, basta ter em vista o que foi recebido da Alemanha e o que lhe têm feito esses engenheiros. Uma vergonha. Uma miséria bem reveladora da sua incompetência. O governo só tem um caminho a seguir: demitir-los, fazendo-os substituir por pessoas de reconhecida competência.

O engenheiro Gomes Leal, trauliteiro, demitido do exército, que tem no seu gabinete tapezes com a coroa real é um constante desafio ao espírito liberal dos ferroviários e, por conseguinte, a intranquilidade no espírito de todo o pessoal das oficinas justifica-se plenamente. A classe reclama a sua imediata demissão em nome de todos os bons princípios.

Não pode continuar à frente das oficinas gerais do Minho e Douro um homem a quem falta por completo competência para o desempenho de tão importante serviço. Demais, os ferroviários estão fartos de suportar trauliteiros e malcriados.

O sr. Tristão Ferreira, figura sinistra que foi sempre escandalosamente protegido por Nuno Simões, quando o director lhe observa que a demissão é um castigo violento e injusto, aplicado aos empregados por falas leves, vem logo a Lisboa ameaçando pôr a sua pasta sobre a questão, como ainda há tempos aconteceu no caso dum empregado demitido por provas morais num processo vergonhoso!

Se o governo tiver dúvidas sobre o que aqui fica escrito, que mande investigar por pessoas de confiança e as provas sobrarão para se justificar a demissão pura e simples dos dois engenheiros a que nos referimos.

Não podem continuar à frente das oficinas gerais do Minho e Douro um homem a quem falta por completo competência para o desempenho de tão importante serviço. Demais, os ferroviários estão fartos de suportar trauliteiros e malcriados.

O sr. Tristão Ferreira, figura sinistra que foi sempre escandalosamente protegido por Nuno Simões, quando o director lhe observa que a demissão é um castigo violento e injusto, aplicado aos empregados por falas leves, vem logo a Lisboa ameaçando pôr a sua pasta sobre a questão, como ainda há tempos aconteceu no caso dum empregado demitido por provas morais num processo vergonhoso!

Se o governo tiver dúvidas sobre o que aqui fica escrito, que mande investigar por pessoas de confiança e as provas sobrarão para se justificar a demissão pura e simples dos dois engenheiros a que nos referimos.

— Que vai fazer da Branca?

— Levá-la para casa e olhar por ela. E' este o meu dever, porque sou pai — respondi.

Em favor da Caixa de Solidariedade do Pessoal dos Armazéns Grandela

MARCOS

Rendimentos dos operários

Na estação de Campolide, vários trabalhadores procediam ontem à descarga de um vagão de carvão para a C. P., entre eles Elias de Jesus Lourenço, de 15 anos, residente na calçada dos Mestres (Olival) J. L. M., quando um vagão carregado de cinza chocou com aquele, o que deu origem a que o Elias que se encontrava sobre o primeiro caiu à terra, fracturando a perna esquerda, ficando ferido na perna direita e com várias contusões pelo corpo. Transportado para a estação do Rossio, foi-lhe conduzido num automóvel da Cruz Vermelha ao Hospital de São José, em cujo Banco foi devidamente pensado, recolhendo depois à Sala de Observações.

— No Banco do Hospital de São José foram pensados e seguiram depois para suas casas.

Manuel Ribeiro, de 34 anos, natural de Tomar, descarregador, residente na Póvoa de Santa Iria, e que ali foi colhido por uma wagoneta da fábrica de Adubos, ficando com várias contusões pelo corpo; Raul Martins, de 41 anos, empregado no comércio, morador na rua da Fé, 51, 2^o, que, na papelaria de Emílio Braga, no Chiado, foi colhido por uma guilhotina de cortar papel, ficando muito ferido na mão esquerda e Francisco d'Almeida, de 15 anos, natural de Arganil, residente no Beco dos Carvoeiros, 2, cave, aos Caminhos de Ferro, o qual, nas oficinas de serraria de Marques Adrião, na rua Nova do Desterro, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando muito ferido na mão direita.

Estamos fartos de dizer que a imprensa do povo está proibida de circular e que as reuniões estão proibidas, mantendo-se este estado de ditadura há cerca de seis longos meses. Estamos fartos de reclamar dos poderes da Metrópole.

Queremos ter a certeza de que nenhum Pigméu armado em governante possa dispor da nossa liberdade como quem dispõe de um par de botas velhas e para isso só a revogação imediata da lei de exceção e o restabelecimento dos nossos direitos dão margem a descansar um pouco. —

E' esperado hoje no Tejo, a bordo do va-

por «S. Miguel», Azevedo Coutinho, alto

comissário em Moçambique, que não volta

a governar aquela província, visto ter sido

convidado para esse cargo o antigo governador da referida colónia general Massano d'Amorim, actual secretário geral do Mi-

nistério das Colónias, que aceitou.

A ânsia de liberdade dos deportados

O cónsul em Bremen comunicou terem sido ali presos a bordo do vapor português «Indústria», os deportados mais conhecidos por legionários Alfredo Santos, Alvaro Damas e Raúl Honório, que haviam fugido da Guiné. Foram enviados ofícios aos ministérios da Justiça e do Interior, para promoverem a extradição.

Os deportados Marcos Santos Fontainhas, João Ferreira, o «Estafador» e José Soares, o «Malatesa», que haviam fugido de Cabo Verde, sendo depois recapturados e conduzidos sob prisão para o Funchal. O campo estará ornamentado e a banda dos Bombeiros Municipais tocará durante a tarde

A obra tenebrosa das congregações

Em Coimbra, a Conferência de São Vicente de Paula leva, sob falsas promessas, para um colégio religioso a única filha a um infeliz pai, restituindo-lha, após 3 anos, sem instrução e sem juiz

— Se o senhor consentisse, metia-lha num colégio, onde podia educar-se — redarguei a D. Berta.

Como pai, querendo ver minha filha com uma boa educação, respondi que da melhor vontade, porque no colégio receberia uma educação que eu lhe não podia dar.

Dias depois aparece-me D. Berta, comunicando-me que já tinha conseguido que a Branca desse entrada gratuitamente no Colégio da Regeneração, em Braga, único colégio que tinha encontrado com uma vaga

Eu não queria que minha filha fosse para tão longe e disse-lhe que para Braga não iria.

Foram, imediatamente, em face da minha oposição, ter com o sr. Santos Eusébio (também da referida Conferência) para ele pedir a um cavalheiro que me dispensa um pouco de sua amizade, para este me pedir que a deixasse ir para o dito Colégio.

Este cavalheiro recebeu uma carta do sr. Santos Eusébio e depois de ver o seu conteúdo, confiou-me essa carta, pedindo-me que desse resposta e dizendo-me, ao mesmo tempo, que o Colégio em referência era um bom colégio, donde saíam crianças com uma educação esmerada. Em presença dessa declaração e da leitura da carta, resolvi deixar seguir minha filha, dando parte da minha resolução a D. Berta.

No dia 19, entreguei-lhes minha filha, que partiu para o Colégio no comboio das 3 horas da madrugada, não mais me sendo possível saber notícias da a-pesar-de ter escrito várias vezes para Braga.

Quando não fui o meu espanto, quando no dia 24 do mês passado do corrente ano, me aparece D. Berta, na companhia doutra senhora e de minha filha — esta, completamente apavorada, o olhar vago e indeciso, e, para maior cúmulo, sem nenhuma das suas características de uma defunta mãe lhe deixa.

Então, ela não comeu, durante o tempo que esteve no Colégio? — diz-me D. Berta. E, cínicamente, voltou-me as costas.

Mas se a pequena entrou para o Colégio, de graça, que direito tem a Direcção do Colégio de ficar com os haveres da rapariga?

Além disso, eu não entreguei a pequena à direcção do Colégio, mas sim a D. Berta, que, com falsas promessas, me veiu furtar.

Sómente a D. Berta pediu que me entregasse minha filha, com tudo que sua mãe lhe deixou.

De tudo isto que expõe, apresente a polícia a investigação. Veremos, depois, se a pobre órfã sem juiz e sem haveres, será recompensada do que lhe roubaram.

Dois como testemunhas do que relato as seguintes pessoas: Estela das Dores, Miguel Pereira, Maria Luzia, Francisco Macedo e Carolina Real, todos moradores na rua Direita. — De v., etc. — Joaquim José de Oliveira.

Além disso, eu não entreguei a pequena à direcção do Colégio, mas sim a D. Berta, que, com falsas promessas, me veiu furtar.

Sómente a D. Berta pediu que me entregasse minha filha, com tudo que sua mãe lhe deixou.

De tudo isto que expõe, apresente a polícia a investigação. Veremos, depois, se a pobre órfã sem juiz e sem haveres, será recompensada do que lhe roubaram.

Dois como testemunhas do que relato as seguintes pessoas: Estela das Dores, Miguel Pereira, Maria Luzia, Francisco Macedo e Carolina Real, todos moradores na rua Direita. — De v., etc. — Joaquim José de Oliveira.

Além disso, eu não entreguei a pequena à direcção do Colégio, mas sim a D. Berta, que, com falsas promessas, me veiu furtar.

Sómente a D. Berta pediu que me entregasse minha filha, com tudo que sua mãe lhe deixou.

De tudo isto que expõe, apresente a polícia a investigação. Veremos, depois, se a pobre órfã sem juiz e sem haveres, será recompensada do que lhe roubaram.

Dois como testemunhas do que relato as seguintes pessoas: Estela das Dores, Miguel Pereira, Maria Luzia, Francisco Macedo e Carolina Real, todos moradores na rua Direita. — De v., etc. — Joaquim José de Oliveira.